

**Moisés de Lemos Martins, José Bragança de Miranda,
Madalena Oliveira e Jacinto Godinho (Eds)**

IMAGEM E PENSAMENTO

Ficha técnica

Título:

Imagem e Pensamento

Editores: Moisés de Lemos Martins, José Bragança de Miranda, Madalena Oliveira e Jacinto Godinho

Colecção:

Comunicação e Sociedade — n.º 23

Director da colecção:

Moisés de Lemos Martins

Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho

Capa:

Grácio Editor

Coordenação editorial:

Rui Grácio

Design gráfico:

Grácio Editor

Impressão e acabamento:

Tipografia Lousanense

1ª Edição: Abril de 2011

ISBN: 978-989-8377-12-8

Dep. Legal:

© Grácio Editor

Avenida Emídio Navarro, 93, 2.º, Sala E

3000-151 COIMBRA

Telef.: 239 091 658

e-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

ÍNDICE

Prefácio

<i>Especular com Imagens</i>	7
Moisés de Lemos Martins, José Bragança de Miranda, Madalena Oliveira, Jacinto Godinho	

I. O pensar das Imagens

1. <i>Reflexos de Vénus: pensar com o Imaginário</i>	11
Bernardo Pinto de Almeida	
2. <i>Metafísica da imagem de Tomás de Aquino a Ch. S. Peirce</i>	21
José Augusto Mourão	
3. <i>Da imagem da linguagem</i>	29
Maria Augusta Babo	
4. <i>Imagens e palavras. (Palavras para imagens)</i>	39
Lucília Marcos	
5. <i>A imagem luminosa e a imagem sombria. Claridade, mediação e revelação na cultura visual moderna</i>	47
José Bártolo	

II. Práticas de Imagem

1. <i>Com quantas imagens se faz um crime</i>	57
Jacinto Godinho	
2. <i>A oscilação da imagem entre fotografia e cinema</i>	63
Maria João Baltazar	
3. <i>Imagem Web 2.0: algumas redes sócio-conceituais mediadoras da Wikipédia</i>	77
Pedro Andrade	
4. <i>O problema da aparição nas imagens: da imagem idolátrica à imagem técnica</i>	89
Jorge Leandro Rosa	

III. Novas Imagens Técnicas

1. <i>A dois tempos: Imagens da máquina na cibercultura</i>	99
Jorge Martins Rosa	
2. <i>Comunicação nos blogues: potencialidades e riscos associados ao software, ao género e ao ecrã</i>	107
Zara Pinto Coelho	

3. *O empobrecimento da experiência perceptiva e o carácter aditivo nas novas imagens-ecrãs do social software. Uma primeira aproximação*119
José Pinheiro Neves
4. *O que podem as imagens. Trajecto do uno ao múltiplo*.....129
Moisés de Lemos Martins

IV. Imagem e Imaginário

1. *Como nunca ninguém o viu*139
Albertino Gonçalves
2. *De passagem. Nos rastros de um percurso imaginário*167
Helena Pires
3. *A imagem do monstro nas sociedades pós-modernas*189
Jean-Martin Rabot
4. *Memória e paisagem urbana: a construção da imagem patrimonial de Braga desde os acervos ilustrados e fotográficos de referência*211
Miguel Bandeira
5. *O postal e a modernidade: memória, imagem e técnica*237
Maria da Luz Correia & Moisés de Lemos Martins

V. Imagem e Arte

1. *A prosa das imagens*257
José Bragança de Miranda
2. *Da fotografia de imprensa à fotografia de arte: quando a actualidade se presta ao olhar artístico*277
Madalena Oliveira
3. *Imagem, pensamento: aproximações a Guy Debord*289
José Gomes Pinto
4. *“Desanestesia” — chamar a atenção para a atenção à chamada*297
Fernando José Pereira
5. *O voo suspenso do tempo: estudo sobre o conceito de imagem dialéctica na obra de Walter Benjamin*305
Maria João Cantinho

ESPECULAR COM IMAGENS

Ouve-se dizer, como quem convoca uma sabedoria que se perde na memória dos tempos, que uma imagem vale mais do que mil palavras. Palavra e imagem remetem, no entanto, para uma controvérsia antiga. Entende a metafísica platônica, por exemplo, que todas as imagens são suspeitas, por serem vãs, e mesmo falsas, de nada valendo contra os conceitos, enunciáveis apenas pelo *logos*.

Foi, no entanto, a revolução óptica do século XIX que separou, de um modo aparentemente definitivo, as palavras e as imagens. A hegemonia da civilização numérica, de produção tecnológica, apressou a queda do regime analógico, representacionista, e permitiu o advento de um mundo autotélico, autónomo, um mundo de realidades separadas. A cultura do livro, e também a cultura católica, haviam controlado rigidamente as imagens, que precisaram sempre de autorização para poderem aparecer. A tradição judaico-cristã pressentira nelas um perigo, vendo nas imagens uma fonte e um motivo de «tentação». Mas foi com as tecnologias ópticas, primeiro com a fotografia e o cinema, depois com o vídeo e as imagens digitais, que a imagem pôde ganhar peso, autonomizar-se, e escapar finalmente à infinita *ekphrasis* imposta pela linguagem.

A sabedoria popular sobre a relação entre as imagens e as palavras, aparentemente convincente, convoca a crença estonteante no poder mostrador das imagens. E compõe também uma ideologia, que tem organizado, na cultura ocidental, as relações entre imagens e palavras. Ao mesmo tempo que atribui à imagem uma força encantatória, sedutora (as imagens recebem-se sem esforço, são imediatas, directas, gulosas), o aforismo de «uma imagem vale mais do que mil palavras» culpabiliza a palavra por ser trabalhosa, tortuosa, pesada, dolorosa. Além disso, parece querer afirmar que a imagem é, sem margem para dúvidas, a solução da palavra. As imagens conseguiriam realizar sem esforço o que as palavras arduamente procurariam sem o alcançarem. As palavras, que andam sempre de dizer em dizer, tornar-se-iam, por isso, um peso para os indivíduos.

O que é certo é que esta ideologia que envolve as imagens — a ideia de que elas não precisam de ser trabalhadas, que se impõem por si próprias — lhes foi criando uma via autónoma de produção no Ocidente, raramente penetrada pelo pensamento e pelas palavras. Para criar uma imagem basta uma máquina, como antes bastava a natureza que as produz profusamente. Agora, a imagem é forte, porque produzida sem intervenção humana, limpa, pura, liberta de metafísicas.

Aparentemente a imagem superou o pensamento, já não necessitando dele. Trata-se de um resultado paradoxal, se repararmos que a filosofia ocidental, a de Platão, por exemplo, começa precisamente num conflito com as imagens. Esse conflito é resolvido através das ideias eternas, um procedimento que abre caminho ao «conceito», de que a técnica digital é a culminação. No momento final deste processo, a relação entre imagem, palavra e texto tornou-se praticamente num enigma, sendo nosso propósito, neste ensaio plural, escrito a muitas mãos, interrogá-lo, debatê-lo e clarificá-lo, na medida do possível. Com efeito, a sibilina frase de Giordano Bruno, «*Pensar é especular com imagens*», parece repercutir hoje intensamente na nossa cultura, retomando um destino que não pára de nos surpreender.

Foi a 5 e 6 de Dezembro de 2007 que investigadores do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens (CECL), da Universidade Nova de Lisboa, e do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da Universidade do Minho, se reuniram no Seminário Imagem e Pensamento, Museu/Colecção Berardo, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa. Os textos aqui apresentados repõem uma boa parte do debate desses dias.

Moisés de Lemos Martins
 José Bragança de Miranda
 Madalena Oliveira
 Jacinto Godinho